

A crise bate à porta

(Não Assinado)

Cautela e caldo de galinha não fazem mal a ninguém. O dito popular nunca foi aplicado como agora, tempos de crise econômica mundial. Embora a turbulência nos mercados ainda não tenha reflexos diretos no bolso da população, a tendência é de corte de gastos e de contenção de despesas, uma forma de se prevenir e evitar contas que possam comprometer a renda quando a crise chegar de fato ao cotidiano do País.

Os especialistas apostam que é uma questão de tempo e, se o rumo dos acontecimentos seguir como está hoje, em 2009 será a vez de o Brasil sentir na pele o efeito cascata da crise financeira que teve início nos Estados Unidos. Há mais de um ano, o calote no pagamento de hipotecas por americanos acabou contaminando todo o mercado mundial. A população está bem consciente das ameaças que a crise representa e começa a planejar um orçamento doméstico mais criterioso e até mesmo corta gastos para não correr riscos futuros.

Uma pesquisa feita pelo Ibope para a agência de publicidade 141 SoHo Square - Brasil mostra que as classes C e D adotam providências para minimizar os impactos da turbulência. Dos 400 entrevistados nas capitais Porto Alegre, Rio de Janeiro, São Paulo, Belo Horizonte, Salvador e Distrito Federal nos dias 7 e 8 de outubro, a maioria (quase 70%) diz saber da crise e acredita que ela vai refletir em sua situação financeira.

A mostra é bem representativa. A classe C é formada por mais da metade da população brasileira (51,89%), conforme a Fundação Getúlio Vargas (FGV). São famílias com renda de R\$ 1.064,00 a R\$ 4.591,00, que se mostram atentas aos desdobramentos aos quais estão sujeitas.

Outro indicador que reforça o temor do cidadão com a crise é o Índice de Confiança do Consumidor (ICC), apurado pela FGV. Divulgado em outubro, o indicador caiu quase 11 pontos em relação a setembro do ano passado e bateu um recorde negativo: atingiu o menor nível desde junho de 2006. O ICC avalia também as expectativas quanto aos próximos seis meses e, nesse quesito, mais uma demonstração do receio com relação ao que esperar pela frente.

A parcela dos que esperam melhora da situação econômica local diminuiu de 31,3% para 23,1%; enquanto a dos que projetam piora subiu de 13,1% para 30,6%. A situação não é diferente nos EUA. Lá, o índice de confiança do consumidor chegou à marca de 38 pontos em outubro, segundo levantamento feito pelo Instituto Conference Board.

A percepção das classes C e D quanto à turbulência

Como está a situação financeira do mundo?

5% - Acham que está tudo bem

20% - Sabem da crise, mas acham que só impacta nas empresas e não a vida delas

69% - Sabem da crise e acham que vai refletir na situação financeira do dia-a-dia

6% - não sabem ou não opinaram

Qual a percepção com relação ao crescimento da economia brasileira?

23% - acreditam que economia vai continuar crescendo igual

56% - acham que vai crescer mais lentamente

18% - crêem que vai estagnar

3% - não sabem ou não opinaram

Qual a percepção quanto ao preparo do governo para enfrentar a crise?

16% - acham que governo está bem preparado e vai resolver situação

43% - acreditam que o governo está preparado, mas terá dificuldade para resolver a crise

38% - dizem que o governo não está preparado

3% - não sabem ou não opinaram

Quais os maiores medos em relação à crise?

35% - volta da inflação dos produtos em geral

30% - medo do aumento de preços dos alimentos

20% - perder o emprego

13% - medo de não pagar as prestações que devem

2% - não sabem ou não opinaram

O que já foi cortado dentre os gastos pessoais?

26% - itens da cesta básica

24% - lazer

20% - deixaram de pagar prestações

19% - vestuário

12% - alimentos especiais para festas

21% - não cortaram nada

7% - não sabem ou não opinaram

Como será 2009 em relação a 2008?

15% - Será muito melhor

- 39% - Vai ser melhor
- 26% - Igual
- 12% - Vai piorar
- 3% - Estão pessimistas e acham que será muito pior
- 5% - não sabem ou não opinaram

Cuidados nas compras de Natal e Ano-Novo

- | Pesquise sempre a taxa de juros e demais acréscimos quando for contratar um financiamento;
- | Evite comprometer demasiadamente seu orçamento com dívidas. Os empréstimos de longo prazo, que embutem custos maiores, e entrar no rotativo do cartão de crédito e do cheque especial, que possuem as maiores taxas e juros;
- | O cheque especial não é renda, por isso ele deve ser utilizado por um período curto e emergencial. Se tiver necessidade de usar este limite por um período maior procure a sua instituição financeira e faça um empréstimo pessoal (que tem custos menores) para liquidar o cheque especial;
- | Existem linhas de crédito mais baratas como o microcrédito que tem taxa de 2% ao mês, penhor de jóias da Caixa Econômica Federal e do crédito consignado com desconto em folha. Assim, caso necessite de crédito veja a possibilidade desses empréstimos mais baratos;
- | Não abuse da linha de crédito consignado, com desconto em folha de pagamento/benefício do INSS;
- | Necessitando de crédito para pagar uma dívida e não tendo condições de fazê-lo, não deixe suas dívidas crescerem mais por conta dos juros de mora e multas. Procure o credor de sua dívida e proponha uma renegociação do prazo e das taxas de juros em uma condição que consiga cumprir;
- | Se possível adie suas compras para juntar o dinheiro e comprar o mesmo à vista evitando juros. Entretanto caso não seja possível pesquise muito, barganhe e compre nos menores prazos possíveis (quanto menor o prazo menor a incidência de juros);
- | O ideal é sempre gastar menos do que se tem de renda como forma de ter uma reserva financeira para fazer frente a eventuais gastos extras não previstos ou até para planejar a compra de algum bem no futuro. E quando recorrer ao crédito, use-o com moderação e consciência.

Mudanças começam pelas festas de final de ano

Os itens nacionais devem ganhar destaque na mesa da ceia de final de ano. Os tradicionais produtos importados tendem a ficar em segundo plano nas festas de Natal e Réveillon em função da valorização da moeda norte-americana em relação ao real. "As pessoas têm acesso a um arsenal de informações diárias e captaram que o momento é de precaução", diz o professor da Faculdade de Ciências Econômicas da Pucrs.

O pé no freio é fundamental, acredita ele, principalmente em função do alto nível de endividamento do brasileiro, que está entre os maiores do mundo. "Mais do que nunca, a dívida deve ser tratada como algo a ser evitado urgentemente", aconselha, referindo-se a compras futuras. As exceções, segundo ele, ficam por conta da casa própria, investimentos nos negócios e em estudos, itens considerados justificáveis mesmo em um período turbulento. Mesmo assim, é preciso ter cuidado, pois os reflexos da crise são tidos como irreversíveis.

Com o consumidor mais criterioso, a tendência é de que o varejo busque todas as alternativas possíveis para evitar o aumento de preços. "Quem majorar os valores poderá perder vendas, pois a tendência é de redução da demanda", adverte Patrícia Vance, professora do Programa de Administração de Varejo (Provar) da Fundação Instituto de Administração (FIA) da Universidade de São Paulo.

Só que as variações de custo não esperam, e os lojistas não terão como fugir. A alternativa, então, é buscar a parceria com fornecedores para tentar minimizar o impacto dos custos de produção. Outra alternativa é planejar bem as compras para o próximo trimestre e, neste caso, também evitar a opção pelos importados. Tudo com foco no menor repasse possível ao preço final.

Aplicações devem ser conservadoras durante o período de incertezas

Quem quer fazer um pé-de-meia sem correr riscos não pode abrir mão de investimentos mais conservadores. A dica é buscar alternativas que garantam maior liquidez que o padrão. "As pessoas precisam ter acesso rápido ao dinheiro em caso de necessidade", explica o economista Rodrigo Lima, analista de Desenvolvimento de Produtos do Sicredi.

Entre as possibilidades, Lima recomenda a renda fixa, fundos multimercados e ações, privilegiando os pós-fixados. No caso da renda fixa, o curto prazo dos títulos garante a liquidez necessária. Já os fundos multimercados permitem compor a carteira com ativos de diversos mercados. "O bom gestor conseguiu remunerar bem esses fundos, é importante levar isso em conta na hora de avaliar", aconselha.

No caso das ações, Lima destaca a importância de um planejamento de retorno. "Não se tem como saber qual será o momento mais propício, mas o ideal é avaliar o histórico e se programar para retomar as posições de forma paulatina", diz o economista. Isso tudo, sem deixar de avaliar o perfil do investimento. O principal, destaca, é se sentir tranquilo com relação à escolha.

Crédito está mais caro e com prazos mais curtos

Um dos primeiros reflexos da crise internacional que se confirma no Brasil é a restrição ao crédito. Está mais caro buscar recursos pela combinação de fatores que restringe o acesso: os bancos estão mais seletivos e criteriosos para emprestar, os juros subiram ainda mais e os prazos para pagar foram encurtados.

Os automóveis, que eram financiados em 72 meses, por exemplo, passaram a ter 60 meses como limite para quitação da dívida. Eletrodomésticos e crédito pessoal também sofreram uma redução nos prazos: passaram de 36 para 24 meses, e com juros maiores, de 7,39%. Antes, o percentual era de 7,35%, segundo a Associação Nacional dos Executivos de

Finanças, Administração e Contabilidade (Anefac).

A taxa média de juros subiu e atingiu todas as linhas de crédito, tanto no caso de pessoa física quanto jurídica. Por isso, a recomendação da Anefac é para que evite qualquer tipo de dívida ao máximo, principalmente aquelas que demandam prazos mais longos. Foi o que definiu a jornalista Néia de Oliveira, que resolveu adiar a troca do automóvel, programada para o final deste ano.

A idéia era trocar o automóvel 2001, com 100 mil km rodados, por um seminovo, para evitar gastos com manutenção. A procura começou em setembro e, logo em seguida, os planos foram revistos. "Amigos que trabalham com venda de automóveis me orientaram a esperar um pouco, pois a tendência é de que os juros baixem", conta. Outro fato que interferiu na decisão é o de ser autônoma. Mesmo com a decisão de retardar o negócio, Néia continua de olho nas oportunidades, principalmente nas promoções que começam a ser lançadas pelas montadoras, com juros e prazos melhores oferecidas pelos bancos próprios.

Quem realmente não tem como abrir mão de fechar um negócio agora, o ideal é optar pelo pagamento em poucas parcelas, mas compras em 20 anos, por exemplo, podem se tornar muito mais caras com o passar do tempo. "Quem arriscar poderá pagar muito mais caro", adverte Miguel de Oliveira, vice-presidente da Anefac.

Também deve ser reconsiderada a utilização do cheque especial e do cartão de crédito, que são muito usados no final de ano em função dos gastos extras com Natal e Ano-Novo. "Entrar no pagamento rotativo é muito perigoso e deve ser evitado ao máximo", orienta Ione Amorim, economista do Instituto Brasileiro de Defesa do Consumidor (Idec). Nesse caso, o recomendável é usar o 13º salário para quitar dívidas que estejam submetidas a altas taxas de juros. No cheque especial, as taxas variam de 8% a 9%, percentual que varia entre 5% e 6% no caso do crédito pessoal. Quando o assunto é cartão de crédito, o percentual salta para 15,99% em alguns casos.

Brasileiros apresentam postura de apreensão

A perspectiva da crise tem causado apreensão para quem está na iminência de sofrer as consequências e angústia para quem tinha algum tipo de aplicação e já perdeu dinheiro. Além da vivência real, há os desdobramentos imaginários, que causam o mesmo tipo de sofrimento. "Existe uma evidente comparação com a crise de 1929, uma das piores da história, e isso aterroriza muita gente", explica o psicanalista Robson de Freitas Pereira.

A turbulência no mercado também tem impactos subjetivos, diz o profissional. Representa o fim de um ícone da cultura norte-americana, que é o pensamento mágico. "Trata-se de uma espécie de culto ao investimento triunfante, como se bastasse ter fé e apostar para se dar bem. Esse conceito está caindo", diz Pereira. Embora o olho do furacão da crise esteja nos Estados Unidos, o consumidor brasileiro está ciente dos efeitos da globalização e sabe que, neste momento, não há fronteiras e que a crise se avizinha.

Daí começam preocupações como a estabilidade no emprego e o adiamento de projetos. "As pessoas têm receio de não conseguir manter contas como a da escola dos filhos ou de realizar o sonho da casa própria", exemplifica. Mas a insegurança deve ser enfrentada, sem deixar que os transtornos se transformem em impotência. "É preciso lidar com o cotidiano sem que isso vire desespero", recomenda.